

Quando a violência sexual se torna prazerosa: uma leitura masochiana do masoquismo

RENAN MARQUES ISSE*

RESUMO: Leopold von Sacher-Masoch foi um escritor austríaco ilustre que acabou por ser castigado de forma bastante injusta. À proporção que seu nome ganhava mais reconhecimento internacional, sua produção literária perecia cada vez mais. A leitura simplista de um psiquiatra contemporâneo seu foi responsável por reduzir toda a sua vasta coletânea literária a uma simples ilustração do masoquismo. Ciente de que Sacher-Masoch não é só isso, esse artigo busca demonstrar uma leitura masochiana do masoquismo, de modo a salientar o viés masoquista de sua obra prima *A Vênus das peles*.

PALAVRAS-CHAVE: Freud; Masochiano; Masoquismo; Sacher-Masoch.

ABSTRACT: Leopold von Sacher-Masoch was a distinguished Austrian writer who ended up being rather unfairly punished. As he steadily gained international recognition, his literary work gradually perished. The simplistic reading by a contemporary psychiatrist reduced his vast literary oeuvre to a mere illustration of masochism. As we know that Sacher-Masoch is not just that, this paper tries to provide a masochian reading of masochism to highlight the masochistic perspective of his masterpiece *Venus in furs*.

KEYWORDS: Freud; Masochian; Masochism; Sacher-Masoch.

* Doutorando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada no Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ – 20550-900 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil. E-mail: renanisse18@gmail.com

Introdução

Durante o século XIX, Leopold von Sacher-Masoch era visto com bons olhos no cenário literário europeu. Sua fama transcendia o território germânico e se fazia popular na França, sobretudo, o epicentro das belas artes na Europa. Ao passo que seu prestígio literário internacional aumentava, ele enfrentou uma crítica deveras negativa de uma leitura simplória feita por Richard von Krafft-Ebing, um professor universitário em Viena e psiquiatra respeitado da época. O psiquiatra apropriou-se simploriamente das obras e do contexto pessoal de Sacher-Masoch, e, a partir do sobrenome materno do escritor, foi cunhado o termo “masoquismo”, caracterizado como uma perversão sexual.

Tal limitação pôs uma pá de cal sobre o prestígio tímido que Sacher-Masoch caminhava para obter. Em decorrência disso, seu nome passou a ser malvisto e considerado puramente perverso. A leitura de Krafft-Ebing simplificou o universo estético masochiano em uma simples manifestação de sexualidade perversa e marginal. Essa atitude lhe foi duplamente cruel, segundo Deleuze (2009): quanto mais seu nome, ainda que ligado aos signos do masoquismo, popularizava-se, mais ainda sua literatura era malvista e privada de seu lugar de prestígio e destaque que outrora teve.

O masoquismo, que até então era considerado uma doença ou aberração sexual, só ganharia atenção clínica e científica com os estudos psicanalíticos de Freud.

As raízes do masoquismo

A leitura de Krafft-Ebing da obra de Sacher-Masoch lhe forneceu uma série de signos, descrições e comportamentos para que o psiquiatra cunhasse um termo com intenção de descrever uma perversão sexual e, dessa forma, estigmatizasse o romancista como um autor maldito. A partir do nome *Masoch* surge o termo masoquismo, enquanto prática sexual desviante da atividade normal. Tentaremos apontar nesse artigo as raízes e os desdobramentos dos elementos formadores do masoquismo com a leitura apoiada na psicologia.

O senso comum indica que práticas masoquistas são aquelas que direcionam o sujeito ao gozo sexual a partir de uma série de torturas – físicas ou psicológicas –, agressões, humilhações e privações, de modo que, paradoxalmente, indique uma forma de obtenção de prazer pelo desprazer.

Nesse contexto aparentemente paradoxal,

O masoquismo aparentemente contradiz o princípio do prazer. Tanto que, em geral, o homem tende a evitar tudo que seja dor, nos fenômenos do masoquismo a dor parece proporcionar prazer e constituir um objetivo que o indivíduo se empenha em alcançar. (FENICHEL, 2008, p. 405, tradução nossa)¹.

¹ “El masoquismo contradice aparentemente el principio de placer. En tanto que, en general, el hombre tende a evitar todo lo que sea dolor, en los fenómenos del masoquismo el dolor parece proporcionar placer y constituir un objetivo que el individuo se empena en lograr”.

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (2016), Freud aponta o masoquismo como perversão e explica o que seria um comportamento perverso, sem fazer juízo de valores, a partir de um confronto com o comportamento sexual normal. Segundo o viés biológico, o sujeito nasce predisposto a praticar a atividade sexual para diminuir a tensão sexual e para a propagação da espécie. Nesse contexto, Freud apenas aborda relações que têm por objeto sexual o sexo oposto. O objeto sexual é o parceiro sexual e a finalidade seria o gozo ou a satisfação.

Em situações desviantes dessa ideia de normalidade sexual, a perversão é qualquer tipo de comportamento que não se encaixa no rótulo do normal. O primeiro dos três ensaios aborda os instintos sexuais que desviam do objeto ou da finalidade, ou seja, a *aberração sexual*. Tais aberrações, no entanto, também se fazem visíveis numa sexualidade considerada normal. (FREUD, 2016).

Deve-se indicar com clareza que o que caracteriza o desvio como perversão é quando ele recebe um nível de exclusividade no encontro com o prazer sexual, ou seja, como condição *sine qua non* para a satisfação. A formação de uma perversão sexual resulta de uma fixação infantil pré-genital da libido.

A perversão sexual acontece quando o gozo é alcançado com um objeto sexual diferente do normal ou quando outras áreas do corpo são usadas para alcançar o gozo, sem que tais áreas sejam diretamente vinculadas à prática sexual. De forma geral, a perversão é todo tipo de comportamento sexual guiado por meios não considerados normais para obtenção do prazer sexual. Ressalte-se que a escolha pela palavra “normal” segue a linha de raciocínio de Freud; não há intenção de fazer qualquer tipo de julgamento de valor nessa pesquisa.

Nesse contexto, Freud desdobra o conceito de pulsão sexual a partir daquilo que era indicado como instinto sexual, pois, a respeito do instinto, fazem-se presentes os fins e objetos naturalmente pré-determinados, enquanto a pulsão sexual não apresenta objeto nem finalidade.

Uma maneira de tentar impor controle à pulsão sexual é com os *diques psíquicos*. São barreiras que visam a limitar ou desviar o seu movimento. O pudor, tradições, dogmas, entre outros elementos, colocam-se entre a pulsão e o objeto sexual. Caso a pulsão ainda assim consiga alcançar o objeto sexual, nesse caso poder-se-ia considerar este um tipo de perversão. Caso as barreiras não sejam ultrapassadas, a pulsão eventualmente seguiria seu curso e se manifestaria como uma sexualidade normal.

A função dos diques, portanto, é recalcar aquela pulsão, que não encontrará o seu objeto de satisfação por razões internas ou externas. O recalque, no entanto, não proíbe que a pulsão se manifeste novamente; ela se apresenta no sonho, no chiste ou com o desenvolvimento dos sintomas. (VALAS, 2001).

A sexualidade perversa inevitavelmente se manifestaria na sexualidade normal. O cerceamento que os diques impõem à formação de uma sexualidade não perversa podem não ser eficaz, porque a perversão é inata ao ser humano. Daí que se diz que a sexualidade infantil é perverso-polimorfa: a sexualidade humana é essencial e primariamente perversa. (TAVELLA, 2006).

A perversão então seria constantemente limitada pelos diques, que a recalcariam. Ela apenas seria expressa com o desenvolvimento dos *sintomas*, um meio-termo evidenciado

pelo embate entre a repressão e as pulsões sexuais. “Assim, os sintomas se formam, em parte, à custa da sexualidade *anormal*; a neurose é, digamos, o negativo da perversão.” (FREUD, 2016, p. 63). A neurose, portanto, é uma perversão negativa, controlada pelos diques e pela repressão.

O sintoma não é apenas a manifestação de um desejo recalçado que foi recriado de forma inconsciente, mas uma satisfação desse desejo também.

A função econômica do princípio de prazer permite a Freud explicar, de um ponto de vista tópico, por que o sintoma pode ser sentido na consciência como desprazer, ao passo que, ao mesmo tempo, é fonte de prazer no inconsciente. (VALAS, 2001, p. 22).

De certo modo, os sintomas satisfazem, ainda que parcialmente, as necessidades das pulsões de forma inconsciente, uma vez que eles se manifestam sem romper as barreiras que lhe foram impostas pelo recalque. Os sintomas evidenciam a perversão ao se mostrarem presentes mesmo com todos os elementos cerceadores que a consciência interditou.

O sadismo e o masoquismo recebem certa relevância na obra freudiana enquanto perversões, salientando o caráter ativo do sadismo e a passividade do masoquismo. Tais termos foram criados por Krafft-Ebing, a partir dos escritores Marquês de Sade e Leopold von Sacher-Masoch. A sexualidade apresenta uma natureza agressiva, cuja intenção é apoderar-se do objeto sexual para enfim realizar o ato sexual. Tal aspecto, então, desenvolver-se-ia prioritariamente no sadismo, que é visto como uma manifestação primária. Assim que o sujeito inverte o direcionamento da pulsão para si mesmo, o sadismo origina o masoquismo que, portanto, é uma manifestação secundária da sexualidade. (FREUD, 2016).

De certo modo, o masoquismo é uma perversão cujo objeto sexual é o próprio eu, ou seja, uma atividade sexual cuja natureza agressiva visaria ao domínio do indivíduo. Essa atividade mostra certa similaridade com o conceito de narcisismo, a partir do qual o objeto de amor é o próprio eu.

O masoquismo também é apontado como uma manifestação paradoxal. Se existe de fato o caráter agressivo na sexualidade com a intenção de dominar e essa agressividade pode ser a finalidade da prática sexual, quando se desenvolve no sadismo, o masoquismo se coloca como um auto-oferecimento à agressão. Sabendo que o dique psíquico é o elemento limitador da perversão sexual, quando ele é superado, a manifestação perversa (masoquismo) toma forma. Em se tratando de uma pulsão passiva, como ela agiria para romper-se do dique da dor? (TAVALLA, 2006).

Nos textos posteriores, Freud, no entanto, reconhece o equívoco e esclarece que o masoquismo na verdade é a manifestação primária. Em *Batem numa criança*, Freud aponta o nascimento das fantasias inconscientes de agressão. Na primeira fantasia, em que o pai bate numa criança, o fantasiador não é quem apanha, e sim uma terceira pessoa, que observa de longe. Essa fantasia, que antes era vista como sádica, é repensada e indica apenas uma manifestação do Complexo de Édipo, em que a criança que apanha é alguém que se coloca como alvo de ciúmes do fantasiador. É uma fantasia de cunho apenas agressivo, sem manifestações de quaisquer latências sexuais.

A sexualidade se origina quando essa agressividade retorna sobre si mesmo, criando o masoquismo reflexivo como elemento primário para a organização do dispositivo sexual. A primeira cena de espancamento pode se basear na realidade, mas a segunda, a que Freud chama de fantasia original, é sempre fantasiosa. É na segunda cena, portanto, com o retorno da pulsão agressiva contra o eu que se desenvolvem a sexualidade e a fantasia. (LAPLANCHE, 1985 *apud* TAVELLA, 2006).

A segunda fase, inconsciente, transforma a criança observadora na criança espancada: “meu pai está me espancando”. Sentimentos de culpa aparecem em relação aos desejos incestuosos que futuramente serão inconscientes. Tais desejos buscam expressão na segunda cena, com o espancamento sendo a demonstração da repressão ao Complexo de Édipo.

Assim, a fantasia da segunda fase, de apanhar ela mesma do pai, torna-se expressão direta da consciência de culpa, à qual o amor ao pai fica sujeito. A fantasia tornou-se masoquista, portanto; que eu saiba, é sempre assim, a consciência de culpa é o fator que transforma o sadismo em masoquismo. Mas certamente esse não é o conteúdo inteiro do masoquismo. (FREUD, 2010, p. 230).

O amor incestuoso é reprimido pelas normas sociais. Nesse contexto, o espancamento ganha o viés da repressão e configura uma satisfação masoquista, pois a criança é punida para expiar seu “pecado” e sente prazer com essa punição, atitude essa que cria a culpabilidade responsável pelo desenrolar do sadismo no masoquismo. O processo da culpa surge após o recalque do amor incestuoso e, conseqüentemente, a fantasia torna-se inconsciente.

Sacher-Masoch e sua *Vênus*

Em *A Vênus das peles*, o romance se inicia com a apresentação do sonho de um personagem sem nome. Nesse sonho, a deusa Vênus se dirige até ele e eles conversam. Esse homem, ao despertar do sonho, torna-se o interlocutor de uma história contada pelo protagonista, Severin, um jovem fidalgo, cujo pai possuía terras no território da Galícia, uma extensão de terras situada entre a Ucrânia e a Polônia.

Severin, em sua própria casa, ouve o amigo relatar esse sonho. Seu amigo é um proprietário de terras na Galícia e tem por volta de trinta anos de idade; é um homem sério, sistemático e idôneo. Na parede há uma pintura a óleo que retrata uma mulher bela, com um sorriso igualmente belo, cabelo organizado em um coque. Ela se apoia no braço esquerdo, nua, vestindo um casaco de peles negro. Na mão direita, um chicote; sob seus pés, um homem, deitado, entregando-lhe um olhar ardente, apaixonado. Há dez anos, poder-se-ia dizer que o homem era Severin.

Tal experiência deixara marcas sensíveis na sua personalidade e visão de mundo. Severin, agora, mudara completamente. Agora ele defende que as mulheres devem ser tratadas com violência. O homem tem uma escolha a ser feita: ser o martelo ou a bigorna; ser o senhor ou o escravo. Assim que o homem se entrega à mulher, sente o pé no pescoço e

escuta o estalar do chicote se aproximando. Severin diz que virou o martelo porque um dia foi a bigorna e que ele se curou disso. Ele então apresenta para o amigo um manuscrito que um dia fora seu diário, em que relata a sua experiência.

Severin se apaixonara perdidamente por uma mulher, Wanda, uma viúva que é sua vizinha. Quando ela pede livros emprestados, ele prontamente os cede, mas não se lembrava que havia escrito alguns versos sobre aquele que seria seu ideal feminino no verso de uma imagem da estátua da deusa Vênus, e que essa fotografia estava metida em algum dos livros que gentilmente emprestara à mulher.

Quando ela os devolve, cria uma situação em que ele fantasiaria a presença da deusa e logo descobriria que a mulher em questão é a própria Wanda. Severin fica assustado e fortemente apaixonado pela viúva, e inicia o seu processo particular.

A empreitada persuasiva

Severin possui um objetivo claro em mente: persuadir a mulher a aceitar desempenhar o ideal feminino que ele alimentara por anos. Desde sua infância, a condessa Sobol, uma tia sua, igualmente bela e cruel, vestindo uma bela *kazabaika*², desperta-lhe as atenções para o sexo feminino. Dessa forma, o objetivo de Severin é convencer Wanda a agir como a tia o fizera em sua infância.

Wanda, no entanto, hesita. Constantemente, ela apresenta a dúvida se será realmente capaz de atuar conforme seu amado deseja. Severin pede que ela seja ou a mulher fiel e sincera, que o ama de forma terna, ou a mulher-carrasco, a déspota cruel, que o fustiga e tortura. Tais características do segundo tipo feminino, no entanto, não pertencem à Wanda, que se diz capaz de amar apenas um homem que se imponha a ela, que a domine, ou seja, o oposto daquilo que Severin pede.

Ele, no entanto, consegue persuadi-la com sua retórica e Wanda enfim aceita ser a sua carrasca particular. Sacher-Masoch trabalha a persuasão e o convencimento da mulher como a primeira instância de alcance do ideal. O herói masochiano inclusive ensina quais as palavras e comportamentos devem ser adotados por ela. Eis uma vítima que cria seu carrasco com base no seu desejo próprio. O autor descreve o processo de exposição do seu ideal particular de sultana – uma mulher forte, com comportamento despótico, que atribui as mais sofridas e dolorosas agressões ao personagem masculino. Além disso, relata também a aceitação do papel por parte da mulher e a transformação dela no seu carrasco.

O contrato

É necessário manifestar o aceite dos comportamentos, cada qual com seus direitos e deveres. Eis que surge então o contrato, um instrumento essencialmente masochiano que apresenta caráter pedagógico, uma vez garantindo que a mulher se torne um sujeito

² Casaco de peles.

masoquizante, no que diz respeito ao comportamento e às atitudes que Severin espera que ela seja capaz de adotar. O ato de instruir a mulher a agir como o personagem quer é parte fundamental no entendimento do contrato e de suas relações. Não faz parte do objetivo de Severin encontrar alguma mulher com caráter sádico, pois a função pedagógica perder-se-ia.

Tão logo a mulher aceita seus deveres e assina o contrato, ela se torna um subproduto do contrato dentro do universo literário masochiano. Ela não é violenta e agressiva por natureza – inclusive Wanda demonstra isso. Severin é o responsável por criá-la. Sua disposição a causar-lhe sofrimentos e humilhações só existe a partir dele, mais precisamente a partir do contrato que fora firmado por ambos.

Uma vez que Wanda foi ensinada a seguir essas instruções, não se pode ver um caráter sádico inerente a ela. Wanda é um sujeito masoquizante, visto que é um subproduto do masoquismo.

Defendemos que a mulher-carrasco pertence totalmente ao masoquismo, ela certamente não é um personagem masoquista, mas é um puro elemento do masoquismo. Ao distinguir numa perversão o sujeito (a pessoa) e o elemento (a essência), podemos entender como alguém escapa do seu destino subjetivo, mas só parcialmente, mantendo o papel de elemento na situação a seu gosto. A mulher-carrasco escapa de seu próprio masoquismo tornando-se “masoquizante” na situação. O erro é acreditar que ela é sádica ou até mesmo que se faça de sádica. (DELEUZE, 2009, p. 43).

Jamais Sacher-Masoch aceitaria uma mulher-carrasco inerentemente sádica. Seu objetivo é pedagógico; ele busca formar a mulher. A mulher-carrasco, portanto, não pode ser sádica porque pertence ao universo masochiano; ela é um produto do contrato e, principalmente, da empreitada pedagógica proposta pelo “professor” Sacher-Masoch. Foi Severin quem construiu a essência masoquizante em Wanda, e ela só o mantém quando está seguindo o contrato.

O contrato, portanto, é um dos elementos mais importantes na vida e literatura de Sacher-Masoch; é ele que legitima toda e qualquer ação, tão logo eles aceitam os termos do documento e assinam-no. O contrato supera todas as leis existentes dentro da literatura masochiana. As relações não ocorrem antes que este seja devidamente redigido e assinado. Trata-se de um documento legal que deve ser respeitado e seguido, dado seu caráter oficial, cujo objetivo é assegurar que os desejos dos personagens masculinos sejam de fato realizados.

A suspensão

Severin deixa claro o que quer: ser amado e maltratado. Quer ser o homem e o escravo de Wanda na mesma pessoa. Deixa a cargo dela o momento da transição de tratamento. Os instintos cruéis adormecidos em Wanda começam a se despertar e ela lhe escreve um bilhete, dizendo que quer vê-lo dentro de dois dias, à noite, na condição de escravo.

Extasiado, Severin entra no cômodo. No meio do quarto está Wanda, usando uma

kazabaika de cetim vermelho escarlate, com um arminho suntuoso e rico. Cabelos presos, braços cruzados e sobrancelhas franzidas, como que impaciente ou desgostosa com alguma coisa. Severin então avança para beijá-la, ao que ela interrompe, chamando-o de escravo. O jogo havia finalmente começado. Severin se ajoelha e a adula. Essa situação lhe é agradável. Wanda ordena que ele lhe entregue o chicote e que fique novamente de joelhos. O chicote estalou e o primeiro golpe foi desferido.

Wanda demonstrava pensamentos e comportamento sombrios e selvagens no seu olhar. Após a primeira chibatada, piedosa e acolhedoramente dirige-se a Severin perguntando se lhe havia machucado. Ele não sentiu nada e pede que continue, caso a satisfaça. Novamente ela o acerta, mas desferir golpes em seu amado não a satisfaz. Ela o faz, mas “[...] não é de coração que o faço sofrer. Todo este jogo brutal me é repugnante. Fosse eu realmente a mulher que chicoteia seu escravo, ficariais aterrado.” (SACHER-MASOCH, 2008, p. 68).

Até esse momento, ela apenas interpreta um personagem, tal e qual as atrizes fazem para ganhar a vida. Suas palavras e demonstrações gritam a incapacidade de se prolongar nesses comportamentos e atitudes, mas Severin não se importa com isso. Ele é fiel ao ideal e à proposta de criação da mulher-carrasco. Severin entregara sua vida de bandeja a ela. Seu destino cabe ao bel-prazer das escolhas de Wanda. Ela deve pisoteá-lo e maltratá-lo; ainda que hesite, deve fazê-lo para demonstrar que o ama. A viúva então desfere uma sequência de chicotadas e chutes vigorosamente. A vítima se manifesta:

Os golpes se sucediam, rápidos, vigorosos, sobre meu dorso, em meus braços, cada qual me penetrando as carnes, e deixavam uma sensação de ardência – queimava, mas as dores me eram um deleite, pois provinham dela, a quem eu adorava, a quem a cada momento eu estaria pronto para dar a vida. (SACHER-MASOCH, 2008, p. 69).

Wanda já começa a demonstrar sentir satisfação nos golpes. Ela, no entanto, interrompe a sequência de golpes e diz que está curiosa para saber até que ponto Severin aguentará e até quando ela não se compadecerá mais das súplicas dele para que cessem as torturas. A natureza perigosa de Wanda foi despertada pelos últimos golpes desferidos.

Após interrompê-los, Wanda pensa que Severin vai abandonar suas ideias de ser castigado e chicoteado e poderá ser enfim o homem que ela gostaria que fosse. A viúva se arrepende das cenas horríveis que protagonizara na noite anterior com Severin. Ela indica que satisfaz os delírios do amado e que agora não seria mais a dona dele, e sim a mulher. Severin reforça que nada deve mudar e Wanda, pela primeira vez, declara que não se falará mais sobre escravidão, chicotadas e crueldade. Do antigo acordo, a única coisa que continua valendo são as peles.

Severin e Wanda se beijam, após a primeira cena de flagelação ocorrida. Wanda, ainda abalada com aquilo que acabara de fazer, cai em si e o beija, como se daquele beijo dependesse a salvação da sua vida. Severin, então

Arranquei-lhe a pele de arminho, desatei o sutiã, e os seios desnudos roçaram meu peito.

Foi aí que perdi os sentidos.
Tornei a me lembrar do momento em que vi o sangue pingar da minha mão [...]
(SACHER-MASOCH, 2008, p. 72).

A tensão sexual da descrição, que naturalmente implicou o ato sexual entre os dois amantes, foi suspensa tão logo houve o toque entre os corpos. A cena é interrompida, o narrador perde os sentidos e só os recobra quando vê sua mão sangrando.

Considerações finais

De fato, há muito de masoquismo na obra de Sacher-Masoch. O ideal de Severin é fruto das fantasias infantis do autor, que se manifestam na literatura. Tudo que o romancista faz é criar um ambiente propício para a sua demonstração de forma natural.

O universo literário que o arquiteto Sacher-Masoch constrói é essencialmente masoquista, mas não é apenas isso. Quando o romancista interrompe o relato da atividade sexual, não está apenas agindo de acordo com o puritanismo e a restrição de circulação das atividades sexuais, mas está usando mais um artifício de sua estética: a suspensão.

A suspensão não acontece apenas nas cenas de atividade sexual, mas, sobretudo, nas cenas de fustigação. É como se o tempo parasse e a cena se congelasse. Dessa forma, a condição morosa do masoquismo manifesta-se. (DELEUZE, 2009).

O congelamento da cena valoriza o artifício estético da obra de arte enquanto elemento romanesco e, ao mesmo tempo, promove o retardamento do encontro do sujeito com o prazer ao potencializar o encontro com o desprazer. De forma análoga, Freud descreve o mesmo em *Além do princípio de prazer* (1976), texto em que discute como se organiza e se controla o aparelho psíquico.

Pode-se concluir, portanto, que a *Vênus das peles* é uma obra norteadada pelo masoquismo. Seus indicativos mais claros são o comportamento de Severin e a violência desmedida que sofre para poder alcançar o seu ideal feminino. O contrato, a persuasão e a suspensão, além de serem elementos criados para validar a realidade da sua literatura, também se comportam como indicativos de um sujeito masoquista, ao valorizar a fantasia de Severin, ao garantir a realização de seus desejos e, principalmente, ao retardar o encontro com o prazer prolongando a duração do desprazer.

ISSE, R. M. When sexual violence becomes pleasant: a masochian reading of masochism. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 12, n. 2, p. 152-161, 2020. ISSN 2177-3807.

Referências

DELEUZE, G. *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

FENICHEL, O. *Teoría psicoanalítica de la neurosis*. Barcelona: Editorial Paidós Mexicana, 2008.

FREUD, S. Além do princípio de prazer. In: _____. *Edição standard brasileira das obras completas*. v. XVIII. Trad. Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 12-85.

_____. Batem numa criança. In: _____. *Obras completas volume 14*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010. p. 220-246.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. *Obras completas volume 6*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2016. p. 13-172.

SACHER-MASOCH, L. von. *A Vênus das peles*. Trad. Saulo Krieger. São Paulo: Hedra, 2008.

TAVELLA, M. *O Conceito de Masoquismo na Obra de Freud*. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/347081539/o-Conceito-de-Masoquismo-Na-Obra-de-Freud-Dissertacao>>. Acesso em: 15 mai. 2020.

VALAS, P. *As dimensões do gozo*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

Recebido em: 1 jun. 2020

Aceito em: 19 out. 2020

Masculinidades fora do lugar: gênero e deslocamentos em *Valmiki's Daughter* (2008) de Shani Mootoo

THIAGO MARCEL MOYANO *

RESUMO: Os estudos de gênero têm incorporado cada vez mais pesquisas em torno de múltiplas subjetividades e de seus desdobramentos na ficção. Nestas investigações, em que se imbricam cultura, linguagem e identidade, pode-se destacar a projeção de um elemento comumente relegado a segundo plano nestes fóruns de discussão: a masculinidade. Este trabalho tem por objetivo analisar a constituição de masculinidades em *Valmiki's Daughter* (2008), da escritora indo-caribenha Shani Mootoo. Acredito que o romance abra caminho para uma crítica de gênero e suas interseccionalidades, focalizando a desconstrução de um ideal de masculino corporificado na figura do homem branco. Servirão de aporte teórico trabalhos de R. W. Connell, Judith Butler, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Caribe; Gênero; Imigrações; Masculinidades; Shani Mootoo.

ABSTRACT: Gender Studies have increasingly incorporated researches on multiple subjectivities and their development in fiction. In these investigations in which culture, language, and identity imbricate, one can point out that the commonly overlooked element of masculinity gains prominence in these forums of discussion. This paper aims to analyse the constitution of masculinities in *Valmiki's Daughter* (2008) by the Indo-Caribbean author Shani Mootoo. I believe that this novel can be read from the perspective of gender criticism and its intersectionalities, with a focus on the deconstruction of the masculine ideal embodied by the Caucasian man. Works by R. W. Connell, Judith Butler, among others, will be the theoretical framework of my analysis.

KEYWORDS: Caribbean; Gender; Immigrations; Masculinities; Shani Mootoo.

* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês – Universidade de São Paulo – USP – 05508-080 – São Paulo – SP – Brasil. E-mail: thiago.moyano@usp.br